

EDUCAÇÃO E MÚSICA: UM OLHAR SOBRE A IMPLANTAÇÃO DO PROTESTANTISMO NO NORTE DE MINAS GERAIS (1908-1962)

EDUCATION AND MUSIC: A LOOK AT THE IMPLANTATION OF PROTESTANTISM IN THE NORTH OF MINAS GERAIS (1908-1962)

José Normando Gonçalves Meira

Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

E-mail: meirajng@gmail.com

Shirley Patrícia Nogueira de Castro e Almeida

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

E-mail: shirley.almeida@unimontes.br

Resumo: Este trabalho teve como mote a educação por meio da música, focando o olhar sobre o movimento de implantação do protestantismo no norte de Minas Gerais, no período que vai de 1908, quando efetivamente se iniciaram as atividades protestantes na região, a 1962, quando a implantação foi considerada consolidada com a organização do Presbitério Norte de Minas. A música, marcada por diferentes ritmos, orquestrada por diversos instrumentos e compartilhada por várias vozes, enseja variados processos de aprendizagem, sendo o religioso um deles. Neste artigo, o objetivo é analisar a importância da música para a implantação e consolidação do protestantismo no norte de Minas Gerais. A plataforma teórica foi construída por meio de pesquisa bibliográfica, tendo autores como Buriti e Barros (2016), Burke (2010), Costa (2012), Duarte (2011), Durand (1999), Figueiredo (2002, 2011), Mendonça (2017), Módolo (2006) e Van Til (2010) como referências. Também foram utilizadas fontes primárias, orais e documentais, que permitiram a análise do objeto proposto. É possível concluir que a música foi um recurso de fundamental importância para a execução do projeto de reforma religiosa empreendido pela referida denominação protestante no norte de Minas.

Palavras-chave: Educação. História. Música. Protestantismo. Norte de Minas.

Abstract: This work had as its motto education through music, focusing on the movement of implantation of Protestantism in the north of Minas Gerais, in the period of 1908, when effectively started Protestant activities in the region, in 1962, when the implantation was considered consolidated with the organization of the North of Minas Presbytery. Music, marked by different rhythms, orchestrated by different instruments and shared by several voices, gives rise to different learning processes, one being religious. In this article, the objective is to analyze the importance of music for the implantation and consolidation of Protestantism in the north of Minas Gerais. The theoretical platform was built through bibliographic research, with authors such as Buriti and Barros (2016), Burke (2010), Costa (2012), Duarte (2011), Durand (1999), Figueiredo (2002, 2011), Mendonça (2017), Módolo (2006) and Van Til (2010) as references. Primary, oral and documentary sources were also used, which allowed the analysis of the proposed object. It is possible to conclude that music was a resource of fundamental importance for the execution of the religious reform project undertaken by the mentioned Protestant denomination in the north of Minas.

Keywords: Education. History. Music. Protestantism. North of Minas Gerais.

INTRODUÇÃO

Pautado nos estudos acerca da história da educação brasileira, este trabalho tem como objetivo analisar a importância da música para a implantação e consolidação do protestantismo no norte de Minas Gerais. A educação abordada neste trabalho não se limita à escolar. Abrange toda a formação da alma do indivíduo, suas crenças e seus valores em diversos espaços. Os serviços religiosos e suas instruções exercem papel fundamental nessa formação. Como interpreta Weber (2004), as convicções religiosas influenciarão as ações dos indivíduos na produção da realidade. É importante, portanto, problematizar a educação religiosa, seus recursos, métodos e eficácia na formação dos indivíduos e os possíveis impactos na sociedade. Neste estudo, será problematizada especificamente a música como recurso para a internalização das instruções de uma determinada visão de mundo, a da primeira denominação protestante, calvinista, que se instalou no norte de Minas, no início do século XX. O percurso metodológico foi construído por meio de pesquisa bibliográfica sobre o tema, bem como pelo uso de fontes orais¹ e documentais²

1 Foram entrevistados sujeitos que tiveram participação direta na implantação do protestantismo na região em estudo. Quando foram entrevistados, Antônio Moreira de Souza estava com 94 anos, sua esposa Ana, com 91; e Davi Moreira de Souza, 92, e sua esposa Carlota, 90. Todos residentes em Nova Matrona, região de Salinas. São três irmãos, Antônio, Davi e Gentil, casados com três irmãs: Ana, Carlota e Isabel.

2 As fontes documentais foram obtidas, principalmente, nos arquivos da Igreja Presbiteriana de Salinas, do Presbitério Norte de Minas e nos arquivos pessoais das irmãs Galvão – Noeme, Rute, Lúcia e Lucíola, residentes em Salinas – e do médico e professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Apolo Heringer Lisboa.

que nos deram indícios de como se deu a implantação e consolidação desse movimento na região mencionada. A conclusão é de que a música, marcada por diferentes ritmos, orquestrada por diversos instrumentos e compartilhada por várias vozes, enseja variados processos de aprendizagem, sendo o religioso um deles. No caso do protestantismo norte-mineiro, foi um recurso de fundamental importância para a formação dos sujeitos que aderiram a essa vertente do cristianismo.

A EDUCAÇÃO MUSICAL NO BRASIL: HISTÓRIA, MEMÓRIA E POSSIBILIDADES DIDÁTICAS

No Brasil, a educação musical pode ser entendida pela via da política e da religião, impulsionada por mudanças na sociedade e na história cultural do país. Desde 1500, os nativos e os povos que aqui chegaram, portugueses, espanhóis e africanos, contribuíram para a constituição da cultura local, legando suas histórias, línguas, canções e danças (Figueiredo, 2002).

No período colonial, a música foi associada à catequização dos nativos, embora, conforme Figueiredo (2002), nos dois primeiros anos da colonização portuguesa, não tenha apresentado impactos significativos se comparados à colonização da América espanhola. De acordo com Dolghie (2006), entre 1557 e 1560 ocorreu uma tentativa de colonização protestante por franceses calvinistas que intentavam construir na Baía de Guanabara um lugar para a prática do culto reformado. Contudo, tal investida não logrou êxito por causa das lutas internas na colônia e da perseguição aos cristãos calvinistas. Um outro registro dessa natureza refere-se ao período compreendido entre 1630 e 1654, quando os holandeses fundaram, na Região Nordeste, a primeira igreja reformada holandesa no Brasil. À época, a música entoada firma-se em duas tradições: os corais de Lutero e os Salmos de Calvino. Porém, com a retomada do governo português, os holandeses deixaram o Brasil.

Os padres portugueses utilizavam a música para doutrinar os nativos nos preceitos da religião católica, empenhando-se na tradução de cânticos religiosos para a língua tupi. Faziam parte ainda de sua empreitada de catequização a utilização de técnicas de musicalização e a formalização do ensino de música também para os escravos. Essa primeira fase da educação musical no Brasil durou até a “expulsão” em 1759 dos padres jesuítas, quando foram implementadas as reformas pombalinas em Portugal e seus domínios.

O período imperial teve como marcos a construção dos primeiros teatros, o processo de secularização das artes, a criação de bandas e orquestras e seu acesso pela elite. O ensino da música, principalmente do piano, era praticado por meio de aulas particulares. Nessa época também foram criadas as sociedades de música e a primeira instituição para a educação musical dos cidadãos – o conservatório –, inicialmente

financiada pelo fundo da loteria, legalizada por meio do Decreto nº 238, de 27 de novembro de 1841, e fiscalizada pelo ministro do Império (Mateiro, 2012).

Durante o período imperial e nas primeiras décadas da República, houve um acentuado declínio na educação musical; o conservatório era uma escola de música para poucos. Nos anos 1930-1945, período em que governou Getúlio Vargas, a educação musical, com ênfase nacionalista e baseada no movimento orfeônico, foi inserida no currículo das escolas primárias e secundárias. Esse movimento tinha a função de disciplinar e moldar costumes no intuito de construir uma identidade nacional. Contudo, podemos depreender que ele fazia cantar e não crescer/aprender (Mateiro, 2012).

O movimento do canto orfeônico perdurou nas instituições educacionais brasileiras até os anos 1960, quando foi substituído pela educação musical, criada por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, como resultado do Movimento da Escola Nova, que tinha como princípio o desenvolvimento expressivo e individual da criança (Subtil, 2011).

É importante salientar a “presença” da música nas normas legais da educação brasileira. Na LDBEN nº 5.692/1971, foi instituída a educação artística, com inserção das artes plásticas, cênicas e musicais no currículo (Brasil, 1971). Na LDBEN nº 9.394/1996, o artigo 26 que trata dos currículos da educação infantil e dos ensinos fundamental e médio registra no parágrafo 6º que o conteúdo de música é obrigatório, mas não exclusivo, e que, com as artes visuais, a dança e o teatro, constituirá o componente curricular das etapas anteriormente citadas. O texto em questão passou a vigorar em 2008, quando foi sancionada a Lei nº 11.769/2008, de 18 de agosto de 2008, que altera a redação da Lei nº 9.394/1996 (Brasil, 2008).

Nos anos 1990, foram criados ainda os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), com dez volumes, sendo o sexto deles nomeado de “PCN – Artes”, o qual continha orientações para o trabalho com artes na etapa do ensino fundamental (Brasil, 1998). Podemos depreender que a legislação educacional brasileira tem resguardado um espaço para a arte, por meio de suas diversas linguagens, nas instituições de educação básica.

Como é possível verificar, a música se fez presente em momentos diferentes e com propósitos distintos na educação brasileira, revelando concepções de mundo e de formação dos sujeitos. Consoante a isso, Figueiredo (2011, p. 6) assevera que em cada momento se concebeu uma proposta para a música na escola, estabelecendo valores e conceitos que se completam ou se contrapõem. Assim, conceitos que ainda sobrevivem até hoje são, de certa forma, resultado de práticas educacionais anteriores que consolidaram formas de pensar e agir sobre o currículo escolar.

Nesse sentido, é possível afirmar que a educação musical não é neutra, tampouco apolítica, mas determinada social e politicamente, compondo um processo de ensino e aprendizagem marcado pelos problemas de nossa sociedade e por seus condicionantes

(Costa, 2012). Ela tem sido reconhecida como componente fundamental na história da humanidade e como importante instrumento para o desenvolvimento das capacidades humanas, transformando o cotidiano das pessoas.

Duarte (2011) apresenta um conceito de música não apenas como uma combinação de sons, mas também como produto de vivências coletivas e individuais, construído por meio das experiências de diferentes civilizações ao longo da história. Conforme o autor, é possível mapear os sentidos que perpassam a obra musical, articulando textos e contextos, culminando com a produção de conhecimentos. Consoante a isso, Duarte (2011, p. 12) assevera que, qualquer que seja nosso comportamento diante da música, de alguma maneira nos apropriamos dela e criamos algum tipo de representação sobre ela. Sabemos da alegria que os jovens encontram em comunicar-se com outros jovens e pessoas, graças às suas músicas, executadas ou simplesmente ouvidas, pois vivem, acolhem e levam em conta a diversidade cultural, o que lhes parece com frequência ser o valor essencial na escuta e nas atividades musicais. Com isso, conseguem dividir e se respeitar, pois cada um pode ter a sua parte de colaboração na música, como executor ou audiência, fazendo parte de um movimento cultural e criando uma identidade para o grupo.

Portanto, mesmo sem o conhecimento técnico, dialogamos com a música por meio de dispositivos, por vezes inconscientes, que despertam nossos sentidos para os conteúdos sociocultural, educacional e político-ideológico dela.

Atualmente, há estudos que confirmam a eficácia da música como componente de aprendizagem, como instrumento didático, tanto na educação básica quanto no ensino superior. A etnomusicologia compõe um desses estudos. Trata-se de uma teoria preconizada por Merriam que defende que a música é um importante meio de interação por meio do qual o ser humano pode organizar e vivenciar informações sensoriais. De acordo com Pinto (2001, p. 224), a música é definida por Merriam como um meio de interação social, produzida por especialistas (produtores) para outras pessoas (receptores); o fazer musical é um comportamento aprendido, por meio do qual sons são organizados, possibilitando uma forma simbólica de comunicação na inter-relação entre indivíduo e grupo.

Portanto, podemos depreender dessa concepção que a música é um importante meio de interação social. Weber (1995) registra os fundamentos racionais e sociológicos da música, relacionando-a a outras dimensões da vida social que contribuem para o desenvolvimento cognitivo dos sujeitos. Todos nós dispomos de um sistema automático de percepção musical, o qual em contato com variadas formas de manifestação sonora, consciente ou inconscientemente, desperta competências que articulam o meio sociocultural, concepções político-ideológicas e informações de outros campos do conhecimento. Desse modo, podemos afirmar que a música sempre foi agregada às tradições e culturas de cada época.

A música constitui uma linguagem universal, um bem cultural presente e produzido pela humanidade, em todos os tempos históricos, contribuindo para o aperfeiçoamento do conhecimento e comportamento humano. Portanto, podemos concluir que são inúmeras as possibilidades didáticas de articulação da música ao fazer pedagógico, constituindo uma via de mão dupla entre o conhecimento e os sujeitos de aprendizagem.

Será discutida, nas próximas seções, a articulação entre a educação e a música para a consolidação do protestantismo no Brasil e, posteriormente, no norte de Minas Gerais.

EDUCAÇÃO, MÚSICA E PROTESTANTISMO

A educação no sentido amplo e particularmente a educação escolar recebem ênfase especial no protestantismo. A prática religiosa da Reforma Protestante do século XVI não considera a figura de um clero para mediar o relacionamento do homem com Deus. O indivíduo, ainda que necessite da ajuda de pastores e mestres, deve ouvir, ler e compreender o texto bíblico, assumindo a responsabilidade individual de responder a ele nas ações cotidianas. Esse entendimento é conhecido como “sacerdócio universal do cristão”, uma das doutrinas fundamentais do protestantismo. Para possibilitar ao público essa compreensão do ensino bíblico, diversos recursos eram utilizados pelos líderes do referido movimento, sendo os principais: a leitura e pregação das Escrituras, o estudo dos catecismos e o cântico dos salmos e hinos. São diversos os autores que discutem a influência da Reforma Protestante do século XVI na ampliação do acesso à leitura e à escrita. Atribuem essa contribuição à doutrina de que o conhecimento de Deus e da sua vontade só pode ser obtido no texto bíblico.

A doutrina do “Sola Scriptura” influenciou diretamente as ações dos reformadores e das nações que aderiram às suas propostas. Para o adequado exercício da fé, era necessário saber ler (cf. Silva, 2016, p. 95). Martinho Lutero, professor da Universidade de Winttemberg, na Alemanha, no século XVI, a exemplo do que John Wicliff, da Universidade de Oxford, havia feito na Inglaterra no século XV, traduziu a Bíblia para a língua vernácula. Mas esse ato pouco valeria se o povo não soubesse ler. Daí a ênfase protestante, desde as suas origens, na necessidade de criação de escolas. Sobre a influência do protestantismo na alfabetização, autores como Graff (1994), Chartier (1990), Cambi (1999), Gadotti (1996), entre outros, aprofundam a discussão.

Além da necessidade da alfabetização para o simples exercício da fé exarada do texto sagrado que deve ser lido e interpretado pelo indivíduo, há também outro aspecto da teologia protestante que justifica a sua ênfase sobre a educação escolar: a crença de que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus e com o dever de administrar as potencialidades neste mundo de forma que agrade ao seu Criador. Assim, o

conhecimento das suas leis, de seus elementos e da realidade é necessário para que o indivíduo exercite a sua humanidade. Esse aspecto relaciona-se com o conceito de “ascetismo intramundano” de Max Weber (2004). O educador João Amós Comenius (1592-1670), especialmente na sua obra clássica *Didática magna: a arte de ensinar tudo a todos*, publicada em 1657, trata dessa potencialidade do homem que deve ser desenvolvida para o exercício da plena humanidade. Autores como Pearcey e Thaxon (2005), Hooykaas (1988) e Meira (2015) discutem esse tema. Como já foi dito, a educação é abordada aqui no seu sentido amplo, discutindo a formação das crenças e dos valores em diversos espaços, especificando as instruções religiosas e as suas implicações sociais. Embora haja diversos aspectos desse projeto educacional passíveis de análise, a música é o objeto aqui delimitado.

Durand (1999) discute as compensações existentes nas religiões teístas resistentes aos símbolos visíveis, substituindo-os por outros tipos de representação. Afirma que no protestantismo, por ser herdeiro do judaísmo, uma das religiões monoteístas mais influentes, acontece o que ele chama de “culto das escrituras e da música”. A pregação e os cânticos são as representações centrais nesses grupos religiosos.

Durand (1999, p. 23) exemplifica o “investimento religioso na música do culto e mesmo na música denominada profana” por parte dos protestantes, citando Johan Sebastian Bach (1685-1750), maior compositor protestante. Para Durand (1999, p. 23), Bach “manteve intacta a inspiração e a teoria estética de Lutero”: os textos e as músicas de suas 200 cantatas e “paixões” são testemunhas magníficas da existência de um “imaginário” protestante “de uma profundidade incrível”, mas que se destaca na pureza iconoclasta de um lugar de oração do qual as imagens visuais – os quadros, as estátuas e os santos – foram expulsas.

Alves (1982) também ressalta o papel fundamental da música na comunicação da mensagem protestante. Segundo ele, a música é um importante elemento, utilizado para imprimir nas mentes dos adoradores as imagens próprias das suas doutrinas. Alves (1982, p. 12) observa:

O espírito protestante é um espírito cantante. Símbolo disto é um homem simples, João Sebastião Bach, que juntou em suas cantatas a palavra evangélica com a grandiosidade estrutural da música [...]. A reforma aconteceu através da música. Pode ser que Lutero e os outros líderes intelectuais do movimento tivessem pensado com rigor os seus pensamentos, mas as pessoas comuns cantaram a reforma antes de entendê-la. Quem canta é mais perigoso do que só pensa. O canto põe asas nos pés. Haverá outra razão para as marchas militares que põem uma mesma cadência nos passos? O canto mobiliza o corpo, imobiliza o

medo e transforma gestos solitários em caminhadas solidárias. E Lutero colocou a sua fé em hinos que eram repetidos e decorados, mesmo por aqueles que – crianças talvez – não entendiam bem as ideias. A confiança se cristalizou em imagens. Qualquer um podia entender o que significava cantar “Castelo forte é o nosso Deus, espada e bom escudo [...]”.

A grande ênfase dada por Lutero e demais reformadores à música levou alguns dos seus opositores, certamente com certo exagero sarcástico, a acusá-lo de transformar a “senhora música” em um ídolo nos seus ofícios litúrgicos. A contrarreforma, num primeiro momento, com o objetivo de contrapor às práticas reformadas, chegou a evidenciar resistência à música como ato de culto (cf. Durand, 1999, p. 23). Módolo (2006, p. 9) afirma:

Lutero pensava na música litúrgica como uma espécie de “mensagem em sons”. Esperava que ela fosse veículo para textos que deveriam ser apropriados para cada momento do culto e da vida da Igreja durante o ano cristão. Ele queria, além disso, vê-la eficiente veículo para ensinar verdades teológicas e fixar os próprios ideais da Reforma na mente dos fiéis. Para isso deveria ser cantada por toda a comunidade, não só pelo clero e os textos seriam, naturalmente, sempre na língua local e não em latim, como estabelecera a tradição romana. Calvino, de sua parte, defendia que só a verdadeira Palavra de Deus poderia ser cantada durante os cultos e não “palavras humanas”.

Peter Burke (2010) analisa as ações reformadoras da cultura popular na Europa tanto por parte de católicos romanos como de protestantes. O movimento dos “reformadores” ou “devotos”, normalmente liderado por pessoas cultas e do clero, envolveu todas as classes de pessoas, artesãos e camponeses. Estes não foram meros receptáculos desse movimento, mas dele participaram ativamente.

Segundo Burke (2010), o objetivo comum dos reformadores católicos e protestantes era substituir a cultura popular profana, mundana, por outra, influenciada pelos valores cristãos. As festas populares, por exemplo, tanto as religiosas como as profanas, eram objeto da resistência desses reformadores: as religiosas por desvirtuarem a doutrina e as profanas por promoverem a libertinagem. No caso dos reformadores protestantes, as festas religiosas não deveriam ser apenas “reformadas”, mas também eliminadas, pois normalmente eram dedicadas aos santos, o que, para eles, configurava idolatria.

Burke (2010) demonstra que o movimento de reforma não se ateve apenas ao exercício de abolir os costumes considerados errôneos, mas também de reconhecer que era necessário substituí-los por uma “nova cultura popular”. Como substituir práticas arraigadas na mente e no coração do povo? No caso do protestantismo, o principal meio era a leitura e ensino das Escrituras. O exemplo de Lutero em traduzir a Bíblia para a língua vernácula foi seguido por outros reformadores em diversas regiões da Europa (cf. Burke, 2010). Havia, entretanto, um problema: apesar dos constantes apelos e das ações dos reformadores protestantes para a criação de escolas e alfabetização do povo para que tivesse acesso ao texto bíblico (cf. Nunes, 2017), por mais que tenham obtido êxito nesse projeto, principalmente na primeira fase da Reforma, nos séculos XVI e XVII, grande parte da população ainda não era alfabetizada. Aqui entra um recurso para a divulgação da doutrina: a música.

Burke (2010) aponta a compreensão de Lutero sobre a eficácia da música na formação do indivíduo, tanto para o bem como para o mal. Lutero compõe uma coletânea de hinos “para dar aos jovens algo que os afaste das baladas de amor e versos carnais, e ensine-lhes algo de valor em lugar destes” (Burke, 2010, p. 246). João Calvino expressa propósito semelhante ao escrever no prefácio do Saltério de Genebra, em junho de 1543:

E ainda que a prática do canto possa se estender mais amplamente; ela é, mesmo nos lares e nos campos, um incentivo para nós, de certo modo, um órgão de louvor a Deus, para elevar nossos corações a Ele, e consolar-nos pela meditação de Sua virtude, bondade, sabedoria e justiça: isto é, tudo aquilo que é mais do que alguém possa dizer. Em primeiro lugar, não é sem causa que o Espírito Santo nos exorta cuidadosamente através das Escrituras a nos regozijar em Deus e que toda a nossa alegria seja subjugada ao seu verdadeiro propósito, porque, Ele sabe o quanto somos inclinados a nos alegrar com futilidades. Como então, nossa natureza nos força e induz a buscarmos todos os meios de alegrias tolas e viciosas, assim, ao contrário, nosso Senhor, para nos desviar o espírito das tentações da carne e do mundo, nos apresenta todos os meios possíveis para nos ocupar naquela alegria espiritual que tanto Ele nos recomenda.³

O cântico dos Salmos nos cultos, principalmente por parte dos calvinistas, era uma forma de memorização do conteúdo bíblico: “A grande prioridade era tornar a

³ Disponível em: https://monergismo.com/textos/jcalvino/prefacio_salterio_genebra_calvino.htm. Acesso em: 5 fev. 2022.

Bíblia acessível às pessoas simples, numa linguagem que elas pudessem entender” (Burke, 2010, p. 246). Embora apegado aos Salmos, Lutero admitia o cântico de hinos que expressavam as convicções cristãs, mas que não eram exatamente o texto bíblico. Admitia também a “contrafação”, adaptação de letras evangélicas em músicas populares. Os calvinistas eram mais radicais nesse sentido, pois no culto preferiam o uso exclusivo dos Salmos bíblicos. Composições cristãs que não fossem literalmente o texto sagrado poderiam ser apropriadas para outros momentos, fora do culto. O próprio João Calvino, no prefácio do Saltério de Genebra, supracitado, justifica a preferência pelos Salmos bíblicos:

O que então devemos fazer agora? É preciso haver canções não somente honestas, mas também santas, que como agulhões nos incite a orar e a louvar a Deus e a meditar nas suas obras para amar, honrar e glorificá-Lo. Além do mais, aquilo que St. Agostinho disse é verdadeiro, que ninguém é capaz de cantar algo digno de Deus, exceto aquilo que recebemos Dele. Portanto, quando procurarmos diligentemente, aqui e ali, não iremos encontrar cânticos melhores, por mais apropriados que sejam os seus propósitos, do que os Salmos de Davi, que o Espírito Santo falou e preparou através dele. E, além disso, Crisóstomo exorta, tanto os homens, como as mulheres e crianças a se acostumarem a cantá-los, a fim de que esta seja o tipo de meditação que os faça associados à companhia dos anjos.⁴

Entre os protestantes em geral, os Salmos eram cantados, literalmente ou adaptados. Martinho Lutero, que compôs diversos, o principal deles (“Castelo forte é o nosso Deus”), é baseado no Salmo 46. Além de servirem ao ato de adoração a Deus, tinham também o objetivo de “edificar a Igreja”, por meio da instrução na doutrina cristã, a formação de uma nova mentalidade para glorificar a Deus no mundo:

Em Lyon, nos anos 1560, artesãos huguenotes armados cantavam os salmos nas ruas, e o mesmo ocorria quando escavavam as fundações do seu templo. [...] Os huguenotes e puritanos cantavam salmos quando seguiam para as batalhas, particularmente o 68, “Que Deus apareça e seus inimigos debandem”. O exército de Cromwel cantou um salmo em ação de graças depois de sua vitória em Marston Moor. Os protestantes citavam salmos em seus testamentos, ouviam-nos sentados, cantavam-nos

⁴ Disponível em: https://monergismo.com/textos/jcalvino/prefacio_salterio_genebra_calvino.htm. Acesso em: 5 fev. 2022.

em funerais, casamentos, em banquetes, até nos sonhos. [...] Eles faziam parte tão integrante da vida cotidiana em algumas áreas calvinistas que, quando se procedeu no século XIX a uma pesquisa sobre canções folclóricas tradicionais na França, não se conseguiu encontrar nenhuma em Cévennes. Nesta cultura huguenote tradicional, os salmos tinham assumido as funções das canções folclóricas, e eram usados até mesmo como canções de ninar (Burke, 2010, p. 248).

Van Til (2010), ao discutir a influência do calvinismo na produção da cultura nos contextos em que essa vertente do cristianismo se instalou, apresenta a compreensão da música como elemento fundamental para a formação do caráter do indivíduo. Resume assim o pensamento calvinista sobre o tema:

A música é o reservatório ilimitado de poder, pois move nossos corações para usar o nome de Deus de maneira mais honesta. Por ela somos fortes na tentação e em face da perseguição (haja vista os huguenotes e muitos mártires que foram para a morte na fogueira cantando). Por meio do canto, a Igreja é construída e seus membros são unidos no santo laço do amor. Calvino não condenava a música secular, a saber, aquela que teve a criação de Deus como objeto. Mas o secular pode não ser divino; ela deve servir para glorificar a Deus, de modo indireto, por meio da nossa alegria e enlevação. Portanto, a música que degrada, que corrompe as boas maneiras, que agrada a carne deve ser rejeitada. A música tem um poder secreto incrível de mover os corações (Van Til, 2010, p. 131-132).

Mendonça (2017) também discute o caráter didático da música no protestantismo. Utilizavam-se os hinos para o culto, para expressar o conteúdo da fé e, ao mesmo tempo, para a consolidação desse conteúdo na mente e no coração dos fiéis. Essa foi a razão pela qual os reformadores, especialmente Lutero, Calvino e Zwinglio, principais referências do movimento protestante, insistiram na simplicidade e no fato de que os hinos e cânticos fossem traduzidos para o vernáculo e inteligíveis a todas as classes de pessoas.

O protestantismo, desde os seus primórdios no Brasil, utilizou os hinos como importante elemento para consolidar a sua prédica, tendo como objetivo expressar a sua fé e, ao mesmo tempo, imprimir de forma efetiva seus valores na mente e no coração do povo. A cultura local, arraigada no catolicismo romano e no “sincretismo supersticioso” deveria ser substituída pela compreensão das Escrituras nos moldes protestantes da vertente calvinista. Ribeiro (1987, p. 133) observa:

Cantava-se muito na igreja evangélica emergente no Brasil Imperial. Os hinos são, de um lado, sintomáticos das preferências populares, por expressarem os novos sentimentos religiosos, com os novos valores, motivos, crenças. Ao mesmo tempo, reforçam esses mesmos elementos da religião.

Buriti e Barros (2016) discutem a atuação do primeiro casal de missionários protestantes que chegou ao Brasil (1855): o médico escocês Robert Reid Kalley e a sua esposa Sarah Poulton Kalley, que atuaram no Rio de Janeiro. Destacam os projetos educacionais desses missionários como estratégias fundamentais para o cumprimento dos seus objetivos. Para eles, o conhecimento de Deus que transforma o caráter do indivíduo se dá por meio das Escrituras. Estas devem ocupar lugar central em todas as suas atividades, mesmo na educação escolar deve estar fundamentada sobre os seus princípios. Afinal, Deus é o Criador de todas as coisas e deve ser glorificado em todas as ações humanas. Sendo médico, Robert Kalley dá grande ênfase ao cuidado com a saúde do corpo como um dever cristão, pois trata-se de “nossa casa terrestre” (cf. Buriti; Barros, 2016, p. 35). Para esse fim, a exemplo de outros contextos em que se instalou o protestantismo, a música era considerada um dos principais recursos para a consolidação das suas doutrinas e valores. O primeiro hinário evangélico compilado no Brasil foi o *Salmos e hinos*, publicado em 1861. Essa compilação foi uma das tarefas realizadas por Sarah P. Kalley (cf. Leonard, 1981, p. 53). Esse hinário completo ainda é utilizado por denominações protestantes no Brasil, e muitos dos seus hinos aparecem em outros hinários evangélicos que surgiram posteriormente. Dolghie (2006, p. 86) observa:

Sarah Kalley passou a se dedicar com profundo esmero a esse trabalho pedagógico e usava a música como um meio de educar as crianças na nova doutrina. Junto com o trabalho desenvolvido pelo marido, Sara Kalley também compunha, traduzia e adaptava hinos para a língua portuguesa.

Buriti e Barros (2016) dedicam espaço especial à análise do que eles chamam de “a pedagogia dos hinos”, especialmente usados na Escola Dominical organizada pelos referidos missionários. Embora reconheçam a variedade de temas contidos no hinário estudado, que serve para o discipulado dos adultos, e contemplem as doutrinas protestantes em geral, com diversos níveis de complexidade, analisam especificamente os hinos direcionados à instrução das crianças na escola dominical. De acordo com Buriti e Barros (2016, p. 35):

A utilização do hinário foi uma tática pedagógica para o ensino da doutrina e estímulo ao saber de modo geral. Em 1873, Sarah Kalley escreveu e traduziu cerca de seis hinos que seriam utilizados em sala de aula pelos alunos que estivessem frequentando as escolas dominicais e a escola diária.

Buriti e Barros (2016, p. 36-37) demonstram como eram ensinados os valores que deveriam nortear o comportamento do indivíduo. Utilizam alguns desses hinos para problematizarem os registros históricos “das sensibilidades de uma época para a construção de uma identidade sobre o protestantismo brasileiro” (Buriti; Barros, 2016, p. 39). Citam, por exemplo, a instrução reforçada pelo hino 633 do *Salmos e Hinos* que enfatiza o pressuposto da onisciência divina como disciplinador das ações cotidianas:

Mesmo longe dos parentes,
Vê-nos Jesus!
Dos queridos pais ausentes,
Vê-nos Jesus.
Nossos passos observando,
Quando pela rua andando,
Uns com outros conversando, sim, vê Jesus!

Quando para o mal tentados,
Vê-nos Jesus!
Se cairmos em pecados,
Sim, vê Jesus.
Ele nunca está distante, mas com afeição constante,
Nos contempla vigilante;
Sim, Vê Jesus.

Sempre com amor olhando,
Vê-nos Jesus!
Nossos rogos escutando,
Sim, vê Jesus.
Ao bom Salvador busquemos,
Seu auxílio supliquemos
E felizes cantaremos:
Vê-nos Jesus.

O protestantismo nascente no Brasil a partir de meados do século XIX seguia, portanto, a tradição criada a partir da Reforma do século XVI. As diversas transformações ocorridas no protestantismo brasileiro ao longo do século XX e o surgimento de diversas vertentes e tendências têm sido objeto de estudo no campo das ciências sociais (cf. Antoniazzi *et al.*, 1994). Há, entretanto, grupos que preservam a tradição reformada, compreendendo a música como uma confissão de fé e com objetivos didáticos.

A MÚSICA NA IMPLANTAÇÃO DO PROTESTANTISMO NO NORTE DE MINAS

O protestantismo chegou ao norte de Minas no início do século XX (cf. Meira, 2018). As primeiras ações para a sua implantação ocorreram entre os anos de 1907 e 1910 com a chegada dos presbiterianos, do pastor baiano Salomão Ferraz e de um evangelista, Cirilo Santana, que distribuía Bíblias e pregava nas fazendas da região. O reverendo Salomão Ferraz escreve uma circular em Canavieiras, na Bahia, determinando a sua leitura nas localidades mineiras, onde já havia passado pregando. Menciona as seguintes: Belmonte, Cachoeirinha, Rubim, Vigia (atual Almenara), Fortaleza (atual Pedra Azul) e Pedra Grande (município de Almenara). Nessas localidades, em 1908 foram recebidos os primeiros membros por pública profissão de fé e batismo.

Nesse período inicial, os missionários visitavam a região periodicamente. Por conta da extensão dos seus campos de trabalho e das dificuldades de locomoção, os interregnos das suas visitas se prolongavam até dois anos, segundo depoimentos de Davi Moreira de Souza. O meio de transporte era o lombo dos burros, o que tornava as viagens demoradas. Os intervalos entre uma visita e outra eram de até dois ou três anos. Só a partir do início da década de 1920, com a ida de Estêvão Araújo para Almenara, então Vigia, e início da década de 1930, quando Harold Andersen e Richard Waddel se estabeleceram, respectivamente, em Taiobeiras e Salinas, os crentes presbiterianos puderam ter assistência regular dos seus líderes, pastores, dando caráter mais efetivo à atividade de implantação.

O cântico de hinos nos cultos públicos e domésticos, bem como durante o exercício das atividades cotidianas, foi um dos elementos de grande importância na ação para a implantação e consolidação das comunidades presbiterianas no norte de Minas. É possível identificar aqui a tradição protestante e especificamente calvinista no que se refere à utilização da música como recurso didático (cf. Burke, 2010). Abdênago Lisboa, lembrando a sua infância em Porteirinha, norte de Minas, fala da importância dos hinos na sua própria formação protestante:

Lembro-me do Rev. Alexander Reese, que aí ia, com sua esposa, para a pregação do Evangelho, hospedando-se em casa de Chiquinha, de

Benedito ou em nossa casa [...] eu ficava envolvido na cozinha, com a empregada Conceição, vendo-a lavar pratos e panelas, contar “causos”, até que o entoar dos hinos à sala me atraía para lá, onde os assistentes se reuniam em torno da grande mesa. Papai, como bom músico que era, ensaiava hinos a 4 vozes e os cantava, que era uma beleza. Até quem não era crente ele convidava e ensaiava para cantar. Mas hoje ainda me lembro de alguns desses hinos cantados, do “Salmos e Hinos” como os de número 233, 329, 365, 401, 486, 513, 555, 558, 574, 582 (Lisboa; Lisboa, 1992, p. 28).

Nas primeiras décadas do trabalho presbiteriano no norte de Minas (1908-1930), como referido anteriormente, não havia pastores residentes, e, por causa das dificuldades de locomoção por falta de estradas e meio de transporte, as visitas dos pastores e missionários eram raras. O que manteria esses grupos protestantes unidos, reunindo-se aos domingos e resistentes à pressão das diversas mensagens, propostas religiosas e outros atrativos com os quais conviviam? O casal Davi e Carlota Moreira de Souza, de Rio das Antas, em Salinas, afirmam que, nos interregnos das visitas pastorais, os próprios crentes locais eram os dirigentes e pregadores. Francisco Durães, pai de Carlota, foi o responsável pela direção dos cultos até 1933, quando os irmãos Davi e Antônio Moreira de Souza assumiram essa responsabilidade. Segundo eles, principalmente nesse período em que Francisco Durães assumia a liderança das reuniões, os hinos foram fundamentais para a instrução e manutenção da unidade do grupo, pois não havia pregação, apenas leitura dos textos bíblicos, orações e o cantar dos hinos.

De uma forma simples, acessível, a música instrui, transmite a mensagem evangélica. Observa-se que os hinos mencionados pelos participantes da pesquisa apresentam doutrinas fundamentais do protestantismo, especialmente a justificação pela graça, mediante a fé na obra realizada por Cristo, na Cruz. A certeza da salvação, mediante a fé na bondade de Deus revelada em Cristo. É a teologia cristã, protestante, ensinada de forma simples, acessível àquela comunidade.

Durante as “conferências evangélicas”, promovidas anualmente pelo missionário William Read na Fazenda Natanael, antiga Peixe Bravo, no município de Salinas, durante a década de 1950 até início da década de 1960, com a finalidade de treinar pregadores e líderes para os diversos campos da região, a música era muito enfatizada. Tanto os hinos tradicionais dos hinários oficiais eram cantados como também cânticos de conteúdo mais simples para reuniões menos formais, chamados de “corinhos”. Todos, entretanto, expressavam, de alguma forma, a fé professada pelos participantes e tinham a finalidade de ampliar a sua união em torno do objetivo maior: “glorificar a Deus”. Esse objetivo de viver para a glória de Deus, além de expressar a expectativa da vida futura,

no céu, instrui para a vida na Terra como um preparo para a eternidade. As evidências do discipulado cristão devem ser apresentadas no mundo, como a ética protestante e suas implicações sociais, e o “ascetismo intramundano” (Weber, 2004).

Além da utilização dos hinos durante as celebrações, alguns pastores e evangelistas, com alguma formação na área, ensinavam noções de música aos crentes do lugar: leitura musical, regência e órgão. A existência de harmônios para acompanhar os hinos e corais era comum mesmo nas igrejas de zona rural. Eram providenciados pelos missionários norte-americanos.

A música serviu, portanto, como elemento de sustentação das doutrinas e motivação para a unidade do grupo. As letras dos hinos, rigorosamente fundamentadas no sistema doutrinário e no conjunto de crenças, e as melodias a estes associadas serviam de instrução, e criava-se o imaginário do prazer das suas reuniões: “Ó quão bom e agradável viverem unidos os irmãos” (Salmo 133.1). Os missionários norte-americanos providenciaram aulas de iniciação musical e supriram as comunidades com instrumentos para o acompanhamento das músicas, principalmente os harmônios, encontrados praticamente em todas as igrejas do norte de Minas: Montes Claros, Salinas, Almenara, Pedra Azul e Porteirinha.

O investimento na educação musical era reconhecido como elemento importante para o projeto de realização da reforma religiosa nessa região predominantemente católica romana e em grande parte pelo catolicismo popular, sincrético. Os missionários também procuravam aprender os instrumentos populares, facilitando assim a realização de reuniões itinerantes. Em carta enviada de Campinas, em São Paulo, a Abdênago Lisboa, em Salinas, datada de 1º de dezembro de 1956, o reverendo Gordon Trew, missionário norte-americano, menciona diversos assuntos relacionados ao trabalho no norte de Minas. Nas saudações finais, relata o seu esforço no aprendizado da língua portuguesa e na execução do acordeom, mencionando as habilidades dos filhos desse líder regional: “Aqui estamos todos bem de saúde. Estou continuando a ter as minhas dificuldades com os sons abertos e fechados, na aula. Estou melhorando um pouquinho no acordeon [sic], mas ainda não corro como os filhos do irmão”.

O cântico dos hinos, especialmente os do *Salmos e hinos*, não se restringia aos cultos, mas também era realizado em outras reuniões, inclusive nas administrativas. Conforme registro na ata da reunião de organização do “esforço cristão”, realizada após o culto noturno na Igreja Presbiteriana de Salinas, no dia 18 de dezembro de 1955, sob a direção de Adão Veloso, da Igreja de Montes Claros, foram cantados hinos do *Salmos e hinos* (hino 352).

Em conformidade com a ata de organização da Igreja Presbiteriana de Salinas, no dia 7 de novembro de 1955, a assembleia geral reunida sob a presidência do reverendo William Read, para a eleição dos presbíteros e diáconos, inicia-se e encerra-se com

cântico de hinos dos *Salmos e hinos* (225 e 254). O jornal mensal *O Progressista*, dirigido pelo agrônomo e educador Abdênago Lisboa, publicado em Salinas durante a década de 1950, além de orientações diversas, tais como uso adequado da língua portuguesa, orientações práticas sobre higiene e saúde, preservação ambiental e cuidados com a alimentação e a saúde, dedicava espaço privilegiado à educação cristã, promovendo a doutrina protestante

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A música no protestantismo tem, como ficou demonstrado, dupla função: expressar a fé dirigindo-se a Deus como uma oração e, ao mesmo tempo, instruir, comunicar um conteúdo doutrinário para fortalecer essas convicções e educar, no sentido da aplicação prática de um conhecimento construído, quem as professa, motivando para sua utilização no cotidiano. A Reforma Protestante do século XVI afirmava o objetivo de promover um “renascimento” da religião cristã, voltando às Escrituras, rompendo com dogmas e práticas consagrados ao longo do período medieval quando, na perspectiva reformada, houve uma degeneração do cristianismo original. Como em todos os aspectos, o papel da música e as formas da sua utilização também eram baseados no texto sagrado. Aspiravam à sua restauração nos moldes do cristianismo dos primeiros séculos. Os implantadores do protestantismo no norte de Minas seguiram essa metodologia. A música é utilizada como expressão de fé e como recurso didático, buscando a “educação na justiça” (Tito 2.12). A música foi, nesse contexto, um recurso para a pretendida comunicação do conteúdo bíblico que é o fundamento dessa formação para viver no mundo, preparando-se para a eternidade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Paulinas, 1982.
- ANTONIAZZI, A. et al. *Nem anjos nem demônios*: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.
- BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, que estabelece as Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus. Brasília: MEC, 1971.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. Introdução. Ensino fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008, que trata da obrigatoriedade do ensino de música na educação básica. Brasília: MEC, 2008.
- BURITI, I.; BARROS, M. A. Onde Deus nos outorga constante instrução: a educação como tática de inserção do Protestantismo no Brasil. *In*: VIEIRA, C. R. A.; NASCIMENTO, E. F.

- V.-B. C. do (org.). *Contribuições do protestantismo para a história da educação no Brasil e em Portugal*. Piracicaba, SP: Unimep, 2016. p. 21-46.
- BURKE, P. *Cultura popular na idade moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CAMBI, F. *História da pedagogia*. São Paulo: Unesp, 1999.
- CHARTIER, R. As práticas da escrita. In: ARIÈS, P.; DUBY, G. *História da vida privada*. Porto: Afrontamento, 1990. v. 3, p. 113-158.
- COSTA, Y. C. I. da. *Educação Musical, Marxismo e o conflito entre a reprodução e superação do capital*. 2012. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.
- DOLGHIE, J. Z. Um estudo sobre a formação da hinódia protestante brasileira. *Âncora: Revista Digital de Estudos em Religião*, v. 1, p. 83-106, 2006. Disponível em: http://www.revistaancora.com.br/revista_1/hinodia.pdf. Acesso em: 9 abr. 2020.
- DUARTE, M. J. F. *A música e a construção do conhecimento histórico em aula*. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04072011-144004/ptbr>. Acesso em: 3 abr. 2020.
- DURAND, G. *O imaginário*. Rio de Janeiro: Difel, 1999.
- FIGUEIREDO, S. L. F. de. A educação musical e os novos tempos da educação brasileira. *Revista Nupeart*, Florianópolis, v. 1, p. 43-58, 2002.
- FIGUEIREDO, S. L. F. de. Educação musical escolar. *Salto para o Futuro*, ano XXI, 8 jun. 2011.
- GADOTTI, M. *História das ideias pedagógicas*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1996.
- GRAFF, H. J. *Os labirintos da alfabetização: reflexões sobre o passado e o presente da alfabetização*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- HOOYKAAS, R. *A religião e o desenvolvimento da ciência moderna*. Brasília-DF: UnB, 1988.
- LEONARD, É. *O protestantismo brasileiro*. 2. ed. São Paulo; Aste; Rio de Janeiro: Juerp, 1981.
- LISBOA, A.; LISBOA, A. H. *Otacilada: uma odisséia do norte de Minas*. Belo Horizonte, MG: Canaã, 1992.
- MATEIRO, T. da A. N. Educação musical nas escolas brasileiras: Retrospectiva histórica e tendências pedagógicas atuais. *Revista Nupeart*, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 115-136, 2012.
- MEIRA, J. N. G. *Cosmovisão das religiões: reforma e contrarreforma*. Montes Claros: Unimontes, 2015.
- MEIRA, J. N. G. A implantação do presbiterianismo no norte de Minas (1910-1962). In: HORÁCIO, H. H. *Dinâmicas religiosas no norte de Minas e reflexões concernentes*. Montes Claros: Unimontes, 2018. p. 115-136.

- MENDONÇA, J. (org.). *O som da Reforma: a música no tempo dos primeiros protestantes*. Curitiba: CRV, 2017.
- MÓDOLO, P. *A música no culto protestante: convergências entre as ideias de Martinho Lutero e João Calvino*. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006.
- NUNES, C. *Ide, Ensina a todos: os 500 anos da pedagogia luterana*. Porto Alegre: Concórdia, 2017.
- PEARCEY, N. R.; THAXON, C. B. *A alma da ciência: fé cristã e filosofia natural*. São Paulo: Cultura Cristã, 2005.
- PINTO, T. de O. Som e música. Questões de uma antropologia sonora. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 221-286, 2001.
- RIBAS, M. A. de A. Da murta ao mármore: o poder cristalizador da leitura. In: JORNADA HISTEDBR, 10., 2011, Vitória da Conquista. *Anais [...]*. Vitória da Conquista: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2011.
- RIBEIRO, B. *Protestantismo no Brasil monárquico*. São Paulo: Pioneira, 1987.
- SILVA, S. C. da. Disseminando a palavra, imprimindo o caráter: os impressos confessionais presbiterianos como espaço educativo. In: VIEIRA, C. R. A.; NASCIMENTO, E. F. V.-B. C. do (org.). *Contribuições do protestantismo para a história da educação no Brasil e em Portugal*. Piracicaba, SP: Unimep, 2016. p. 95-114.
- SUBTIL, M. J. D. Reflexões sobre ensino de arte: recortes históricos sobre políticas e concepções. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n. 41, p. 241-254, mar. 2011.
- VAN TIL, H. R. *O conceito calvinista de cultura*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.
- WEBER, M. *Os fundamentos racionais e sociológicos da música*. São Paulo: Edusp, 1995. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/QX9hn4Ya32DR0.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2020.
- WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Recebido em: novembro de 2023.

Aprovado em: fevereiro de 2024.